

Justiça e Paz

De C. René Padilla

7 de outubro de 2011

A PAZ é um bem desejável tanto para indivíduos como para as nações. O coração humano anseia por paz, a qual também é um objetivo político que nenhum governo responsável pode ignorar. Seja no leste ou no oeste, no norte ou no sul, a visão profética de um mundo no qual convertam-se espadas em arados, e lanças em foices, suscita uma resposta positiva.

Contudo, a paz tem as suas condições. A menos que estas se cumpram, o ideal da paz se torna um mero desejo sem possibilidade de realização. Isaías 32:17 indica a condição mais importante: justiça. Lê-se **“O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre.”** A paz se relaciona com a justiça como o fruto da árvore que o produz. Onde não há justiça, não pode haver paz. A injustiça e a paz não podem coexistir.

Recordemos que o profeta Isaías fala de um contexto de injustiça e de opressão. As classes dirigentes haviam se corrompido e estavam usando o poder deles para explorar os pobres. Eram “rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e corre atrás de recompensas.” (Is. 1:23). A tarefa deles, designada por Deus, é a de fazer o bem, empenhar-se para fazer o que é certo, ajudar o oprimido, fazer justiça ao órfão, defender os direitos das viúvas (cf 1:17). Em vez disto, estão ocupados comprando casas e acumulando terras “até que não haja mais lugar para ninguém e ficam como os únicos moradores no meio da terra!” (5:8).

Substituíram a lei de Deus por assassinato e a justiça com clamores de dor (cf 5:7). Fizeram leis injustas e decretos intoleráveis “para negarem justiça aos pobres, para arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos!” (10:1~2). Não se pode esperar justiça nem do sistema judiciário, “o qual por causa de uma palavra condenam um homem, o que põe armadilhas ao que repreende na porta, e os que sem motivo negam ao justo o seu direito.” (Isa. 29:21).

A injustiça é pão de cada dia deles. Entretanto, a injustiça não se encontra sozinha. Onde a justiça é negligenciada, reina a anarquia. “Entre o povo, oprimem uns aos outros, cada um, ao seu próximo; o menino se atreverá contra o ancião, e o vil, contra o nobre.” (3:5). A ordem pública é essencial para o bem-estar de qualquer sociedade. Porém, quando esta é usada para defender-se direitos pessoais, institucionalizam-se a ilegalidade e a desordem e, como resultado, se destroem os fundamentos morais de uma sociedade. Como racionalização para se justificar os opressores, a ordem pública, inevitavelmente, perde o respeito da parte dos oprimidos, as vítimas do sistema. Os valores éticos perdem a vigência e se cria uma situação tal como aquela que o profeta descreve: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz e da luz, escuridão; põem o amargo por doce e o doce, por amargo!” (5:20). Perde-se qualquer noção de bem e de mal e reina o caos social.

Para complicar ainda mais o problema, durante o tempo de Isaías Israel está satisfeito, inconsciente do seu pecado. Consequentemente, a mensagem do profeta é ignorada. Por causa desta rebelião, diz o profeta, a Assíria, uma nação pagã, será usada como a vara da ira de Deus, por não quererem entender, irão para o exílio, “os seus nobres terão fome, e a sua multidão se secará de sede.” (5:13). Todavia, a sua advertência é recebida com menosprezo e com indiferença. O som de destruição está no ar, mas em vez de arrependimento e lamentação “é só gozo e alegria que se veem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho e se diz: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos.” (Is. 22:13). O hedonismo vai de mãos dadas com a falsa segurança.

A falsa segurança dos líderes de Israel durante o tempo de Isaías é uma expressão de confiança no poder militar do Egito. Em vez de se arrepender e confiar no Deus de justiça, se aliaram ao Faraó, esquecendo-se de que “os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos,

carne e não espírito.” (Is. 31:3). Que advertência àqueles que, mesmo hoje, buscam a paz e a segurança por meio da força bruta, porém não mostram preocupação alguma pela justiça! O capítulo 32, no qual aparece o nosso texto, tem início com a promessa de um reino no qual “reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes.” (v. 1). Em contraste com a situação de violência institucionalizada que atualmente existia em Jerusalém, neste reino vindouro “ao louco nunca mais se chamará nobre, e do fraudulento jamais se dirá que é magnânimo”; o faminto não mais retornará com as mãos vazias ou o sedento sem água, nem os pobres serão prejudicados com mentiras (vv 5~8). Jerusalém, “a cidade jubilosa”, será destruída. As mulheres despreocupadas que lá moram, conseqüentemente, são exortadas a deixarem de lado a falsa segurança delas e a reconhecerem o juízo vindouro (vv9~13).

Após esta exortação, o profeta passa a olhar as mudanças que serão cumpridas quando o juízo de Deus se realizar. O Espírito de Deus, diz ele, será derramado e uma nova sociedade e uma nova criação hão de surgir. “O juízo habitará no deserto, e a justiça morará no pomar. O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre. O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos... caia o bosque e seja a cidade inteiramente abatida. Bem-aventurados vós, os que semeais junto a todas as águas e dais liberdade ao pé do boi e do jumento.” (vv. 16~20).

Para compreender melhor esta visão profética de um mundo pacífico, deve-se vê-la em contraste com a situação caótica mencionada anteriormente. A paz a que se refere não é meramente a ausência de guerra, porém *shalom*, ou seja: harmonia, bem-estar, inteireza, abundância, prosperidade, saúde, felicidade, plenitude tanto para os indivíduos como para a sociedade. Em nosso texto, ela se encontra relacionada a tranquilidade, quietude ou repouso (*sheket*) e com confiança ou segurança (*batah*). Em meio a uma situação de injustiça, de tensão social e de insegurança, o profeta prevê uma nova era na história da sua nação e a descreve em termos que nos fazem lembrar do Ano do Jubileu, segundo Levítico 25: “Neste Ano do Jubileu, tornareis cada um à sua possessão. ...Não oprimeis ao vosso próximo; cada um, porém, tema a seu Deus; porque eu sou o SENHOR, vosso Deus. Observai os meus estatutos, guardai os meus juízos e cumpri-os; assim, habitareis seguros na terra. A terra dará o seu fruto, e comereis a fartar e nela habitareis seguros. (vv 13, 17~19). A relação que Isaías vê entre a justiça e a paz, entre a obediência à lei de Deus e a segurança, aparece na antiga revelação dada a Moisés no Monte Sinai, segundo a tradição.

O anseio por um mundo no qual as pessoas desfrutem da vida em todas as suas dimensões, sem se sentirem ameaçadas pela violência e pelo infortuno, é uma característica comum da humanidade. Logo, não é surpresa que a promessa de paz e de segurança frequentemente seja um elemento importante na retórica política de todos os países. Contudo, o nosso texto, em conjunto com a revelação mosaica, coloca a justiça e a paz em uma relação de causa e efeito: “o efeito ou o resultado da justiça será a paz”.

O tipo de justiça (*tzedaká*) a que se refere o profeta não é nada mais nada menos do que a justiça de Deus: a justiça que Ele manda e exige; não meramente uma convenção social ou um valor humano, porém um mandato divino. Como diz Abraham J. Heschel: “Isto não é apenas a relação entre o homem e o seu próximo; é um ato que envolve Deus, uma necessidade divina.” E está intimamente vinculada à comparação pelos oprimidos, pelos fracos e pelos marginalizados. É u,a “opção pelos pobres.” Tem a ver com a preocupação especial de Deus pelos necessitados e pelos deserdados. Porque ser um Deus de justiça, é pecaminoso permanecermos indiferentes para com os que sofrem por causas que fogem ao controle destes. *Tzedaká* é uma condição essencial para a existência de *shalom*. Sem justiça não há paz. Justiça e paz são inseparáveis; estão indissolúvelmente unidas. Nas palavras do salmista: “Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram.”(Salmo 85:10).

Na ausência da justiça há apenas uma paz espúria. Haverá falsa segurança dos opressores baseada em coerção, ou o estupor do oprimido resultante do temor, porém não uma paz

verdadeira. É a paz de um cemitério, de um campo de concentração ou de um país sob ocupação militar, mas não uma paz genuína e duradoura. Não se pode experimentar *shalom* em uma sociedade corrompida; em uma sociedade materialista, obcecada por riquezas e indiferente para com a situação dos pobres; em uma sociedade hedonista, inclinada a satisfazer necessidades artificiais e que seja cega ao sofrimento das massas do Mundo dos Dois Terços; em uma sociedade consumista cativa à idolatria das modas e endurecida frente à miséria dos marginalizados; em uma sociedade de desperdício sujeita à ideologia do crescimento econômico ilimitado e sem compaixão para com as multidões famintas. Tampouco *shalom* pode se tornar uma realidade em um mundo caracterizado pela injustiça global, um mundo dominado pelo ímpeto do poder político e que se esqueça dos direitos humanos; um mundo que arrebatou o pão da boca do necessitado com o objetivo de engordar uma elite com problemas de obesidade; um mundo onde gerações inteiras dos países pobres nascem hipotecadas pelos ricos.

A única paz possível neste tipo de sociedade e neste tipo de mundo é a paz imposta pelos governos da segurança nacional. Uma paz que depende completamente da perseguição e do exílio, da prisão arbitrária e da tortura, dos desaparecimentos forçados, das mutilações e assassinatos. Uma paz reservada para uma elite privilegiada, comprada com o sangue dos oprimidos. Uma paz a qual o pobre detesta e da qual o rico não consegue usufruir completamente. Uma paz que ameaça destruir a humanidade.

Se o fruto da injustiça é a paz, o fruto da injustiça ;e a violência e o caos social, a inimizade e a insegurança, o ódio e o temor. Cada injustiça cometida contra o pobre carrega consigo a semente da subversão. A justiça favorece a vida; injustiça culmina na morte. Injustiça não é apenas a mera violação dos direitos humanos, mas um pecado contra o Deus vivo. Consequentemente, os que persistem em injustiça se colocam sob o juízo de Deus. “O que escarnece do pobre insulta ao que o criou; o que se alegra da calamidade não ficará impune.”(Pv 17:5). Assim, a maneira mais eficiente de trabalhar contra a paz é trabalhar em prol da injustiça. Semeie injustiça e colherá violência. Nas palavras de Robert Kennedy: “aqueles que impossibilitam a revolução pacífica, tornam inevitável a revolução violenta.” Por onde quer que a violência estoure, a explicação comum da parte dos beneficiários do sistema é que a causa destes problemas são os agitadores, que são estranhos à situação. Eis a pergunta que se deve colocar perante os defensores do status quo: O que tais agitadores alcançariam se não fosse por causa da terra ser solo fértil para o ressentimento e o ódio causado pela injustiça?

A América Latina é uma boa ilustração para o problema. Parece que por toda a sua história, os nossos países encontravam-se atados a um ciclo vicioso de empobrecimento das massas, seguido pela explosão social, pela repressão, por um maior empobrecimento das massas, pela maior instabilidade social, pela maior repressão e assim sucessivamente. Cada vez que se repete este ciclo, paga-se um preço social mais alto. Há uma saída, especialmente quando se leva em consideração que cada tentativa de mudança se torna o alvo de suspeitas para aqueles que retêm o controle das estruturas de poder?

A situação se torna ainda mais complicada à luz do jogo de interesses econômicos em âmbito internacional. A política estrangeira dos EUA atua com base na premissa de que a democracia e a liberdade são valores que devem ser preservados a qualquer custo no mundo inteiro. O resultado inegável, entretanto, é que, durante a Guerra fria, com frequência o governo dos EUA dividia a cama com os governos mais repressivos da história da humanidade.

Hoje em dia a situação é diferente. Deixamos a Guerra Fria para trás. Não temos mais ditadura militar, pelo menos na América Latina. Mas não nos enganemos: hoje, mais do que nunca, o poder econômico se encontra concentrado em corporações multinacionais sob as ordens do nefasto sistema neoliberal, um sistema de injustiça que beneficia uma elite - a “classe multinacional” – às custas da grande maioria. Passamos da Guerra Fria à Guerra contra o

Terror. Qualquer pessoa que discordar com o sistema não é mais subversivo ou um “cúmplice da subversão”, mas corre o risco de ser rotulado como um terrorista. E, é claro, se desejamos paz, temos que nos livrar dos terroristas!

Em contraste, a maneira mais eficiente de trabalhar para a paz é lutar contra a injustiça. Anseias pela paz? Logo, “Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene.” (Amós 5:24). Desejas “descanso e segurança para sempre”? Logo, “afastai a violência e a opressão e praticai juízo e justiça” (Ez 45:9) Desejas habitar “em uma moradia pacífica, em habitações seguras e em morada de descanso e tranquila”? Logo, **“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus.”** (Mi 6:8)